



Vivências e práticas criativas do espaço urbano: um diálogo entre Francis Alÿs, Henri Lefebvre e o movimento Situacionista

Palavras-Chave: direito à cidade, Francis Alÿs, movimento Situacionista

UNICAMP – Instituto de Artes (IA)

Maria Isabel Brentani Roncolatto

Prof.^a. Dr.^a. Maria José de Azevedo Marcondes

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se no Grupo de Pesquisas Arte e Cidade e propõe o estudo da obra do artista belga-mexicano Francis Alÿs a partir de um embasamento teórico, fundamentado no pensamento de Henri Lefebvre em *O direito à Cidade* (1968) e nas práticas e discursos do movimento Situacionista. Com a pesquisa, intenta-se compreender aspectos das cidades datadas do modernismo Pós-Guerra (pós década de 1950) e conhecer produções artísticas que têm como palco o urbano; com isso, busca-se investigar os efeitos da práxis artística sobre o espaço-tempo e sentido da urbe, trazendo possíveis contribuições para o tema em que arte e cidade se encontram no contemporâneo.

O cenário moderno do Pós-guerra foi marcado pela consolidação do modelo industrial fordista e pela destruição das cidades da Europa. Em decorrência deste último fato e da consequente necessidade de reconstrução das cidades, a prática e reflexão urbanística passaram a estar em voga. O urbanismo e planejamento urbano modernistas coadunavam-se com os preceitos postulados pela Carta de Atenas (1933); preceitos estes que tinham como base a funcionalização do espaço-tempo urbano.

Henri Lefebvre – importante sociólogo e filósofo da década de 1960 – estava inserido no contexto europeu pós década de 1950 e, com efeito, desenvolveu um pensamento crítico relativo às cidades modernistas. Em sua consagrada obra *O direito à Cidade*, Lefebvre discute de maneira singular as dificuldades e possibilidades que a cidade e o urbano apresentavam no momento histórico-social em que foi produzido.

O autor desenvolve uma visão global em relação à situação crítica na qual a urbe se encontrava em tal período, evidenciando o processo de industrialização como o elemento desencadeador e responsável pela *crise da cidade*. Esta configurava-se como a deterioração, em nome do crescimento econômico, da base morfológica característica da cidade tradicional e dos elementos que constituem, de acordo com o intelectual, a essência da urbe e do urbano. O resultado de tal processo é apontado como a organização funcional e a descaracterização da cidade, além da desapropriação dos espaços-tempos urbanos por parte do corpo social; o que significava a supressão do papel ativo da sociedade para com a urbe – um dos elementos descritos como intrínsecos à natureza da cidade – e, consequentemente, equivalia ao controle da vida cotidiana.

É no contexto da morte da urbe que o *direito à cidade* é evocado; correspondendo a tal direito a renovação da vida urbana. Com efeito, ao lado da conscientização do *direito à cidade*, Lefebvre indica diferentes caminhos em direção à reelaboração da urbe; estando entre tais caminhos o entrelaçamento entre a vida urbana e a arte. Esta é destacada pelo pensador francês como peça fundamental para a retomada do posicionamento proativo dos cidadãos para com a cidade, visto que permite a reapropriação dos elementos cotidianos. Ademais, a arte também é tida como fator essencial para a superação do valor de troca, inscrito como valor supremo na cidade e na realidade

urbana pela racionalidade produtivista ligada ao Estado e à indústria.

Assemelha-se ao pensamento crítico e aos encaminhamentos propostos por Henri Lefebvre em relação à problemática das cidades modernistas o pensamento urbano desenvolvido pelo Situacionismo. A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento fundado em 1957 em Cosío d'Arroscia a partir da fusão entre o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista (MIBI) e a Internacional Letrista (IL); sendo o grupo Situacionista encabeçado por Guy Ernest Debord – autor do renomado título *La Société du Spectacle (A Sociedade do Espetáculo)* (1967).

O objetivo dos Situacionistas – críticos da arquitetura funcionalista que tinha em Le Corbusier seu expoente – era criar novas formas de se relacionar com a cidade. Isso porque, acreditava-se que a organização e funcionalização preconizadas pelo movimento modernista contribuíam para a postura passiva da sociedade em relação à urbe e, com efeito, fortaleciam o processo de alienação do cotidiano. A passividade e alienação do corpo social era entendido como fruto do fenômeno da espetacularização da sociedade. Isso porque, segundo o pensamento debordiano, o mundo apresentado pelo espetáculo seria o mundo da mercadoria, no qual os cidadãos desempenham o papel de consumidores passivos.

Nesse sentido, visando desenvolver maneiras alternativas de estabelecer relações com a cidade, os Situacionistas elaboraram métodos e práticas que proporcionavam experiências urbanas diferenciadas, em que a postura ativa da sociedade para com a urbe era incentivada. Entre tais procedimentos e práticas estão: a psicogeografia, método para o estudo dos efeitos do meio geográfico sobre o campo afetivo do indivíduo; a deriva, ou o andar sem rumo; e a construção de situações, conceito fundante do pensamento Situacionista, que dá nome ao movimento e que alude à elaboração momentânea de uma ambiência e um jogo de acontecimentos, organizados ao redor de conteúdos poéticos.

A situação construída era entendida como caminho para revolucionar a vida cotidiana, ou em outras palavras, colocar um fim à atitude passiva do corpo social e à consequente alienação que caracterizava o dia a dia na cidade. Assim, pode-se afirmar que o cotidiano era encarado pelo Situacionismo como o espaço em que a alienação era engendrada, mas no qual a postura participativa da sociedade em relação à urbe também poderia ser fomentada.

Ao passo que este cenário urbano, em que prepondera o valor mercadológico e a sociedade ocupa o lugar de plateia, permanece atualizado na contemporaneidade através do processo de *espetacularização das cidades contemporâneas*; optou-se por investigar formas ativas, criativas e não mercantilizáveis de viver a cidade através do trabalho do artista Francis Alÿs.

A carreira artística de Alÿs teve início na década de 1990, quando o artista, em seus trinta anos, após sua formação e prática em arquitetura, fugindo do serviço militar belga, mudou-se para a Cidade do México. A trajetória pessoal do artista informa, de antemão, características de sua prática poética. Isso porque, Francis – no lugar da adição, acumulação e produção de elementos – trabalha com o deslocamento enquanto procedimento prático e poético dentro de sua investigação artística.

O andar caracteriza-se como base da atividade de Alÿs. A prática poética do artista abarca caminhadas formais e informais que envolvem pequenas intervenções no ambiente urbano, realizadas durante as travessias. Assim, vagando como nômade entre meios e discursos, Francis, modestamente, ora extrai, ora insere pequenas imagens na urbe; criando, com isso, fábulas urbanas, que passam a integrar o imaginário das cidades por onde passa. Com efeito, o artista, por meio de seus passos e narrativas, territorializa e efetiva uma vivência e apropriação não mercantil dos espaços.

Ainda, a produção artística de Francis Alÿs pode ser descrita, de maneira mais ampla, como um conjunto de passeios e ações performáticas desenvolvidas no espaço urbano – em sua maioria, de cidades latino-americanas. As caminhadas e ações envolvem a elaboração de signos, axiomas, além de personagens e lendas urbanas. O artista apresenta, através do trabalho poético desenvolvido, uma postura ativa, crítica, criativa e distante da lógica da mercadoria, que permite, com efeito, uma reinvenção simbólica e sensorial do espaço-tempo urbano das cidades em que atua.

METODOLOGIA

A pesquisa consistiu no mapeamento e análise da prática poética do artista Francis Alÿs à luz de uma fundamentação teórica. Em linhas gerais, a pesquisa foi composta pela realização de levantamentos bibliográficos, leituras e sistematização do material levantado através de elaborações textuais. Frente à crise sanitária e à consequente impossibilidade de consulta física de acervos, o estudo foi inteiramente viabilizado por canais digitais, como periódicos e bibliotecas online. A pesquisa foi dividida em duas etapas: primeiro, elaborou-se a fundamentação teórica; e, posteriormente, efetivou-se o estudo em relação à obra de Alÿs.



Figura 1- Paradox of Praxis I - fonte: <http://francisalys.com/hielo/>

No que diz respeito à fundamentação teórica; esta teve início com a leitura, análise e sistematização dos principais conceitos e reflexões presentes na obra *O direito à Cidade* (1968), Henri Lefebvre. Tal obra configurou-se como eixo estrutural da investigação teórica; possibilitando a pesquisa em relação ao *direito à cidade* – e outros conceitos essenciais para pensar o urbano sob a ótica de Lefebvre –, bem como contribuindo para a compreensão de aspectos das cidades do modernismo Pós-guerra. Em seguida, tendo como chave de leitura – além da temática do *andar como prática poética* – os conceitos lefebvrianos do *direito à cidade* e do *habitar*; deu-se sequência ao estudo em relação às cidades do Pós-Guerra iniciando-se a investigação em relação ao movimento Situacionista. Nesta etapa, foram tomados como principais referências textos de autoria de Paola Jacques Berenstein (2003) e de Gabriel Zacarias (2020). Por fim, visto que na presente pesquisa a leitura das obras de Francis Alÿs se deu sob o viés da performance, a fundamentação teórica foi concluída com o estudo em relação à linguagem performática a partir das proposições de Renato Cohen (2002).



Figura 2 - Barrenderos - fonte: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8656083/22351>

Por sua vez, no que concerne a pesquisa em relação à produção artística de Alÿs, é preciso destacar de antemão que o site oficial do artista desempenhou um papel central devido ao conteúdo audiovisual e às publicações disponibilizadas. Primeiramente, houve um levantamento das obras do artista e sistematização das mesmas; sendo que tais atividades foram apoiadas nos escritos de Germana Konrath (2017). Na sequência, decidiu-se selecionar três ações do artista belga-mexicano para serem aprofundadas. Estabeleceu-se como critério para tal seleção a inserção das ações no contexto latino-americano e os possíveis paralelos entre as obras e às temáticas do *andar*, do *direito à cidade* e do *habitar*. Com efeito, foram selecionadas para aprofundamento as ações: *Paradox of Praxis I* (*Paradoxos da Prática I*) (1997) (Fig.01); *Barrenderos* (*Garis*) (2004) (Fig.02); e *When Faith Moves Mountains/ Cuando la fé mueve montañas* (*Quando a fé move montanhas*) (2002) (Fig.03). O estudo foi embasado em fragmentos de publicações que têm como autores Francis Alÿs (1998, 2005, 2006), Corinne Diserens (2006), Cuauhtémoc Medina (2005, 2006) e Russel Ferguson (2007).



Figura 3- When Faith Moves Mountains - fonte: https://www.clarin.com/revista-enie/arte/vuelta-accion-epica-francis-s_0_HFO9eicsZ.html

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a pandemia do novo coronavírus, além dos métodos de pesquisa terem sido alterados em decorrência do isolamento social, as questões iniciais a serem investigadas foram redimensionadas. Ao longo do primeiro semestre de pesquisa, julgou-se importante estabelecer conexões e paralelos entre o conteúdo estudado e o contexto da crise sanitária. Isso porque, à medida que as cidades deixaram de ser habitáveis com a proliferação do vírus, compreendeu-se que a perspectiva sobre a urbe e o universo artístico vinculado ao urbano não poderia mais ser a mesma. Com efeito, a investigação que havia sido

proposta em relação às práticas artísticas situadas no âmbito da cidade deveria sofrer alterações. Optou-se por somar um novo eixo que interligasse o momento atual aos eixos de estudo iniciais; dessa forma, a ligação entre o conteúdo investigado e o cenário pandêmico pode ser tido como evidência da relevância e atualidade da presente pesquisa.

A partir de um diálogo estabelecido entre o pensamento de Henri Lefebvre em *O direito à Cidade* e o momento contemporâneo definido pela crise sanitária, a investigação – além de seguir ancorada na temática do *andar como prática poética* – passa a ser norteadada pelos conceitos lefebvrianos do *direito à cidade* e do *habitar*. Tais conceitos argumentam a favor de uma vivência urbana oposta ao cotidiano alienado característico das cidades do modernismo Pós-Guerra, que era alimentado pelos arquitetos e urbanistas da época.

Primeiramente, no que diz respeito ao conceito do *habitar*; segundo o intelectual francês, tal conceito significa participar de uma vida social, de uma cidade, por exemplo – ao contrário do *habitat*, que designa não a participação do todo, mas, sim, a vivência fragmentada dos espaços da urbe. Ou seja, o conceito do *habitar* – diferentemente do *habitat* – expressa uma experiência urbana na qual há uma participação e apropriação efetiva do dia a dia na cidade. Por sua vez, no que toca o *direito à cidade*; Lefebvre sublinha tal direito como a realização concreta do urbano enquanto lugar em que prevalece o encontro, o uso do espaço e o tempo elevado a valor supremo. Além disso, estão implicados ao *direito à cidade* a liberdade e a vivência urbana integral, preconizada pelo *habitar*.

No que se refere à discussão proposta em relação à pandemia e os demais eixos de pesquisa; em primeiro lugar, pode-se afirmar que o debate mobilizado pelo conceito do *habitar* – em oposição ao do *habitat* – é extremamente atual no cenário pandêmico. Isso porque, o isolamento social – marcado pela restrição da vivência urbana ao ambiente doméstico e a outros espaços limitados – coloca em pauta a reflexão em relação às formas de se viver na cidade. Em segundo lugar, frente à impossibilidade de vivenciar os espaços urbanos e à consequente desapropriação e descaracterização da vida cotidiana no contexto da pandemia; questiona-se se o momento presente definido pela crise sanitária não equivaleria a uma situação na qual o *direito à cidade* foi suprimido e uma nova realidade urbana deve ser reelaborada – como era o caso das cidades do modernismo Pós-Guerra, de acordo com o pensamento lefebvriano.

Por conseguinte, tendo como base os paralelos traçados entre o trabalho poético de Francis Alÿs e as proposições de Henri Lefebvre e dos Situacionistas; indaga-se em que medida a prática artística do artista belga-mexicano e o pensamento urbano Situacionista possibilitam o exercício do *direito à cidade* e tornam as cidades com as quais trava-se contato mais “habitáveis” – em termos de apropriação e participação da vida urbana.

Pode-se dizer que, semelhantemente, ao intelectual francês investigado, os integrantes do Situacionismo tratavam da temática do dia a dia na cidade através da construção de situações. Tal prática era tida como intermédio para o fim da espetacularização urbana, haja vista que, mediante a situação construída, os habitantes – meros espectadores – transformar-se-iam em construtores ou *vivenciadores* do espaço urbano. Assim, ao mobilizar os cidadãos enquanto figuras proativas em relação à cidade, os Situacionistas propunham um caminho alternativo à experiência urbana alienada, impulsionada pelo espetáculo e alimentada pelos arquitetos e urbanistas modernistas.

Por sua vez, partindo dos conceitos Situacionistas, Francis Alÿs pode ser visto como um construtor ou *vivenciador* urbano ao passo que desenvolve caminhadas e ações performáticas – como, por exemplo, *Paradox of Praxis I (Paradoxos da Prática I)* (1997) – que o permitem vivenciar, ativa e criativamente, as cidades que recebem suas obras. Além disso, o artista também pode ser encarado como aquele que propicia experiências urbanas coletivas através da elaboração de performances/eventos que são compostas por outros participantes – como é o caso de *Barrenderos (Garis)* (2004) e *When Faith Moves Mountains/ Cuando la fé mueve montañas (Quando a fé move montanhas)* (2002).

CONCLUSÕES

Observa-se que a questão do cotidiano perpassa as três frentes de estudo. O trabalho de Francis Alÿs e o discurso e prática Situacionistas podem ser tidos como a expressão de um cotidiano poético, em que existe uma experiência e prática proativa, participativa e inventiva do espaço urbano. Com isso,

pode-se afirmar que a maneira de vivenciar o urbano elaborada pelo artista belga-mexicano e pelo grupo Situacionista respeita o conceito do *habitar* postulado por Lefebvre e impulsiona, com efeito, o exercício do *direito à cidade*.

Com isso, percebe-se que as experiências de apreender e viver o urbano de maneira poética, derivadas do campo da arte, podem inspirar formas alternativas de se estar na cidade. Além disso, diante do cenário pandêmico atual, no qual houve a supressão do *direito à cidade*, pode-se dizer que tais experiências artísticas apontam caminhos para a reelaboração do urbano no pós-pandemia, rumo à efetivação do direito que foi suprimido.

REFERÊNCIAS

ALYS, Francis; DISERENS, Corinne; MEDINA, Cuauhtémoc. **Todo lo que vi, escuché, encuentre, hice o dishice, entendí o malentendí, Diez cuabras alrededor del estudio em el centro Histórico de la Ciudad de México/ Everything I saw, heard, found, did or undid, understood, misunderstood, Walking distance from the studio in the Historical Center of Mexico City.** México: Antiguo Colegio de San Ildefonso, 2006. Disponível em: <http://francisalys.com/ebooks/FrancisAlys_WalkingDistancefromtheStudio_Ildefonso_2006/#page=1>. Acesso em: 24, jul. 2021.

ALYS, Francis. **Walks/ Paseos.** Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1998. Disponível em: <http://francisalys.com/ebooks/FrancisAlys_Walks-Paseos_UnivGuadalajara_1998/#page=1>. Acesso em: 27, jul. 2021.

ALYS, Francis; MEDINA, Cuauhtémoc. **When Faith Moves Mountains/ Cuando la fe mueve montañas.** Cidade do México, Madrid: Turner Editores, 2005. Disponível em: <http://francisalys.com/ebooks/FrancisAlys_WhenFaithMovesMountains_Turner_2005/#page=1>. Acesso em: 31, jul. 2021.

BERENSTEIN, Paola Jacques. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. **Arquitextos**, São Paulo, n.035.05, Vitruvius, abr, 2003. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>. Acesso em: 3, jun. 2021.

BERENSTEIN, Paola Jacques. ERRÂNCIAS URBANAS: a arte de andar pela cidade. **ARQTEXTO**, Porto Alegre, v.7, p.16-25, 1 semestre, 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf>. Acesso em: 18, abr. 2020.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação.** 1. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

FERGUSON, Russel. **Francis Alÿs: Politics of Rehearsal.** Göttingen e Los Angeles: Steidl e Hammer Museum, 2007. Disponível em: <http://francisalys.com/ebooks/FrancisAlys_PoliticsOfRehearsal_Hammer_2007/#page=1>. Acesso em: 29, jul. 2021.

KONRATH, Germana. Fábulas e fronteiras na poética urbana de Francis Alÿs. **Palíndromo**, Florianópolis, v.9, n.18, p.106-127, mai/ago, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/10489/7277/36706>>. Acesso em: 4, nov. 2020.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade.** 5. São Paulo: Centauro, 2001.

ZACARIAS, Gabriel. The Constructed Situation. In: HEMMENS, Alastair; ZACARIAS, Gabriel. **The Situationist International: A Critical Handbook.** 1. Londres: Pluto Press, 2020. Disponível em: <https://monoskop.org/images/f/f1/Hemmens_Alastair_Zacarias_Gabriel_eds_The_Situationist_International_A_Critical_Handbook_2020.pdf>. Acesso em: 17, jun. 2021.